

TERRAS ÚLTIMAS

FOTOGRAFIA DE EDUARDO BRITO
MÚSICA DE SANDY KILPATRICK



ÍNDICE

5

O Tempo Vazio das Terras Últimas

Pedro Bandeira

9

Para Além do Fim da Terra

Rodrigo Areias

11

Para as Terras Últimas

Aida Castro

13

Fotografias

Eduardo Brito

45

Biografias

Fim do livro

Música

Sandy Kilpatrick

1 The Disappearing

2 Beyond The Horizon

3 Mother Earth

4 The Sea-Swallowed Sailor

5 The Trinity

6 Jubilee Pool

7 The Men of Sennen Cove

8 The Ghost of L'Iroise

9 Into the Light

O TEMPO VAZIO DAS TERRAS ÚLTIMAS

"No início do Século XIX o tempo do camponês, o do artesão, tal como o do operário eram porosos, impregnados de imprevistos, abertos à espontaneidade, sujeitos à interrupção fortuita ou recreativa. Este tempo de relativa lentidão, flexível, maleável, ocupado por actividades muitas vezes mal determinadas foi sendo pouco a pouco substituído pelo tempo calculado, previsto, ordenado, precipitado da eficácia e da produtividade; tempo linear, estritamente medido que pode ser perdido, desperdiçado, recuperado, ganho. Foi ele que reivindicou a autonomia de um tempo pessoal, de que o pequeno-almoço na cama e a pesca à linha constituem sequências emblemáticas."

Alain Borbin, introdução à História dos Tempos Livres

O tempo vazio, para lá da sua quantidade estritamente necessária para garantir uma produtividade rentável ou para lá do seu uso fomentador do consumo sempre foi moramente criticado (com a excepção dos domingos de missa) de um modo tão alargado que se tornou corrente aceitar que o tempo vazio não resiste à ameaça do aborrecimento. Temos medo do tempo vazio como se tivéssemos medo de nós próprios, como se a inactividade não mais revelasse que, afinal, todo o aborrecimento fosse inerente ao nosso ser parado. Deveremos acreditar que somos naturalmente enfadonhos e que só o preenchimento do tempo, a actividade e, conseqüentemente, o sentido social de progresso, poderão contrariar a suposta constatação de que a inactividade e o vazio que levam ao excesso de tempo, são nefastos, logo e em primeiro lugar, para a nossa saúde. Que outros motivos teria eu para escrever este texto? Que outro motivo teria Eduardo Brito para fazer fotografia ou o Sandy para escrever música? E paradoxalmente *Terras Últimas* é o lugar onde a ilusão de um tempo vazio, perdido, ainda faz sentido.

Talvez seja necessário começar por dizer que a viagem, que está na origem das fotografias de Eduardo Brito, foi efectuada de automóvel contrariando a lógica dos voos low-cost que anulam a percepção da distância e ignoram tudo o que existe pelo meio. Deveremos reconhecer que a relação espaço-tempo mecanizada pelo automóvel, mesmo apesar das auto-estradas, ainda é o que melhor proporciona uma percepção porosa da paisagem. O tempo "perdido" da viagem, fixado no nosso imaginário infantil pela interrogação "falta muito?", é o tempo de consciencialização da transformação geográfica do território e por conseguinte da sua apropriação social, política ou económica, mas também é a demonstração de lugares que, por resistência ou esquecimento, ainda escapam às lógicas de uma cultura globalizada, mesmo apesar da internet.

As viagens tornaram-se previsíveis: sabemos o que vamos ver de antemão; registamos digitalmente o que vemos; para voltar a ver no conforto da casa o que julgamos ter visto e reiterado no catálogo da agência de viagens ou no guia da *American Express*. E por isso Marc Augè define esta não-experiência como "viagem impossível". Mas *Terras Últimas* de Eduardo Brito, apesar de não resistir ao sentido de registo para memória futura, não deixará de procurar um tempo próprio a começar pelo facto de ter escolhido fotografar, nos dias que correm contra o tempo, em formato película, maioritariamente a preto & branco. Uma opção que exprime, desde o início, uma capacidade de abdicar de resultados imediatos mostrados num qualquer monitor. Fotografar assim implica do acto fotográfico uma responsabilização não isenta de incerteza (um grão inesperado, uma ligeira desfocagem) e a expectativa deixada, para um outro tempo, de ser surpreendido; o que não é raro acontecer com a revelação química. Deste modo o acto fotográfico em si afirma-se na acção desvinculada da imagem que surgirá a posteriori, permitindo-se enfatizar, isoladamente, a relação com o lugar.

Poderemos afirmar que, no âmbito de uma cultura digital, as opções assumidas em *Terras Últimas*, só poderão revelar alguma melancolia. Fazer a viagem de carro depois da invenção do avião; fazer fotografia química depois da invenção do digital; fazer preto & branco depois da cor; não deixará de exprimir uma vontade de desacelerar o tempo das coisas. E se é verdade que, nas imagens de Eduardo Brito, encontramos, pontualmente, alguma cor não poderemos deixar de reconhecer que essas cores são predominantemente esbatidas, queimadas pelo sol, pelo tempo, inibindo-se de qualquer protagonismo; associando-se quase sempre a espaços de decoração datada, naturezas mortas, igualmente melancólicas mas sabiamente tranquilas. Penso que poderemos afirmar que não há praticamente distinção entre estas cores e a escala de cinzentos que reconhecemos no preto & branco e que esta desaceleração da viagem e do processo fotográfico não poderia ser mais coerente com o conteúdo de *Terras Últimas*.

A presença quase constante do mar, da linha do horizonte, o sentido dramático de um céu de nuvens cinzentas, superfícies recentemente molhadas pela chuva, rasgos de sol, momentos breves aproveitados por poucos, alguns turistas nos lugares óbvios. Imagens que não deixam de nos ser próximas talvez porque haja hábitos que são perenes e culturalmente transversais (hábitos que poderiam ser nossos porque o mar assim o pede) talvez porque há imagens que temos que fazer mesmo sabendo que já existem enquanto imagem, mas temos que as experimentar. O rasto de espuma de um motor de um barco; uma piscina sobre o mar; um miúdo que salta sobre uma poça de água repetindo, inadvertidamente ou não, o "instante" que deixa de ser "decisivo" para ser perpetuado por uma cultura visual aparentemente impossibilitada de qualquer originalidade.

E parte da nostalgia que associamos à fotografia vem da memória, não só da que fala Roland Barthes em *A Câmara*

Clara, mas da memória que temos do próprio meio fotográfico, da sua produção generalizada, da sua própria cultura. Sentimos que já tudo foi fotografado e que a nossa experiência não mais que redundará numa acumulação de experiências semelhantes, restando o prazer inequívoco do acto de fotografar em si; "viva o momento". Um acto que, a ser saudável, deveria despojar-se de qualquer expectativa futura, mas dificilmente resistimos a ampliar em papel as imagens que fotografamos, como dificilmente resistimos a ver *Terras Últimas* mesmo sem as termos experienciado. Mas mais do que esta aparente contradição interessa-nos o paradoxo de estas imagens se aproximarem, simultaneamente, do sentido de tempo vazio com que iniciámos o texto. Não necessariamente só o tempo vazio das pessoas que habitam esta paisagem, mas também o tempo vazio que se refere à produção das imagens em si.

Fotografar assim, fotografar sem encomenda ou necessidade, fotografar pelo puro prazer de fotografar, não deixará de expressar o melhor sentido do tempo vazio. A apologia do lazer, imortalizado no graffiti de Debord "ne travaillez jamais!", passará por certo por esta deriva de automóvel que, percorrendo a costa de França e Inglaterra, não levou a lugar algum. A indefinição subjacente ao título *Terras Últimas* poderá significar não só o lugar mas também um tempo onde nada acontece. "No pasa nada!". Numa sociedade tomada pelo valor da produtividade e do progresso as imagens melancólicas de Eduardo Brito só podem ser apreciadas com algum sentido de conquista e provocação. E se tudo isto fizer sentido, darão esta viagem, esta exposição, assim como este texto, como tempo vazio, sem que seja necessariamente perdido. E ficaremos todos, seguramente, mais felizes.

Pedro Bandeira, Abril de 2010

TERRAS ÚLTIMAS

Fotografia de Eduardo Brito
Música de Sandy Kilpatrick

Livro

Textos: Pedro Bandeira, Rodrigo Areias e Aida Castro
Revisão: Mariana Pinto dos Santos
Design e Paginação: Cláudio Rodrigues.net
Produção: Eduardo Brito e Centro Cultural Vila Flor
Impressão: Norprint, SA
ISBN: 978-989-96073-8-5
Depósito Legal: 31112/10

Concerto e Gravação

Composição: Sandy Kilpatrick
Interpretação: Sandy Kilpatrick (Guitarra, Piano e Voz),
Samuel Coelho (Serrote), Zé Barroso (Trompete),
Isaac Rego (Tuba) e Georgina Carneiro (Violoncelo)
Gravação e Mistura: Yann-Georges em Ipsilon Studios
Excertos sonoros: recolha por Sandy Kilpatrick e Eduardo Brito,
Mousehole Male Voice Choir no Old Successs Inn, Sennen Cove,
Cornualha e arquivo sonoro de pássaros de Phill Barnett
Arranjos: Yann-Georges e Sandy Kilpatrick
Produção: Yann-Georges e Sandy Kilpatrick

Exposição

As fotografias de Terras Últimas têm a dimensão de 45x30 cm.
São digitalizações de negativos de 35 milímetros, impressas
em processo digital sobre papel fotográfico
Montagem: Alexandra Cerqueira, Pedro Silva
Impressão: Graphic Taylors

© 2010 Centro Cultural Vila Flor, Eduardo Brito (fotografia)
e Sandy Kilpatrick (música) + Aida Castro, Pedro Bandeira,
Rodrigo Areias (textos) e Cláudio Rodrigues (design)

AGRADECIMENTOS

Eduardo Brito e Sandy Kilpatrick agradecem ao Centro Cultural Vila Flor e a António Amaro das Neves, Cassius Kilpatrick, Francisco Brito, José M. Caldeira, Inês D'Orey, Inês de Júlia Kilpatrick, Joana Gama, João Rosmaninho, José Bastos, Luís Pedro Gonçalves, Mariana Pinto dos Santos, Mariana Ricca, Mousehole Male Voice Choir, Nuno Casimiro, Pedro Medeiros, Phill Barnett, Raquel Ralha, Rui Gonçalves, Rui Torrinha, Sofia Pinto dos Santos, Tess Kilpatrick e Wladimir Brito.

www.eduardo-brito.com
www.myspace.com/sandykilpatrick